

A luta pela moradia de uma mulher da década de 1960

Caroline Valentin do Santosⁱ 

Universidade Federal do Paraná, Curitiba - PR, Brasil

Mariane Conceição Vieiraⁱⁱ 

Universidade Federal do Paraná, Curitiba - PR, Brasil

Resumo

Objetivando a partir de fragmentos da história de vida de uma mulher paranaense nascida na década de 1960, relatar e analisar a construção da trajetória e identidade de mulheres brasileiras no século XX, que aparentemente se contrapõem àquilo que foi projetado pela sociedade para desempenhar como papel social enquanto mulher. Para tanto, empreendeu pesquisa por meio de entrevista com Lúcia de Fátima Carvalho, de onde se principiou a análise e elaboração de narrativa biográfica da trajetória de vida e buscando compreender o percurso acadêmico, profissional e pessoal, identificando neste as singularidades e similitudes pertinentes ao cotidiano feminino existente no momento histórico e social.

Palavras-chave: Mulheres Paranaenses. Luta pela Moradia. Educação das Mulheres. Narrativa Biográfica.

A woman's struggle for housing in the 1960s

Abstract

Aiming from fragments of the life story of a woman from Paraná born in the 1960s, to report and analyze the construction of the trajectory and identity of Brazilian women in the 20th century, which apparently oppose what was designed by society to play as a social role. as a woman. To this end, he undertook research through an interview with Lúcia de Fátima Carvalho, from which the analysis and elaboration of a biographical narrative of the life trajectory began and seeking to understand the academic, professional and personal path, identifying in this the singularities and similarities relevant to everyday life. feminine in the historical and social moment.

Keywords: Women from Paraná. Struggle for housing. Women's education. Biographical narrative.

1 Introdução

A década de 1960 foi muito importante para o mundo Ocidental, pois diversas manifestações sociais surgiram nesta época em países como Estados Unidos e França e, estando entre elas o movimento feminista, que surgiu para questionar diversos paradigmas em relação a mulher. O feminismo aparece como

um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher - no trabalho, na vida pública, na educação (PINTO, 2010).

No Brasil, o contexto era de repressão, fazendo com que os movimentos existissem de forma clandestina e, com isso, as manifestações feministas vieram a surgir na década de 1970 e, em 1975, ocorreu uma semana de debates sob o título "o papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira", com o patrocínio do Centro de Informações da Organização das Nações Unidas (ONU). Graças aos movimentos feministas, as mulheres conquistaram diversos direitos, como acesso à educação, a diversificação e entrada no mercado de trabalho.

Nesta perspectiva apresentamos Lúcia de Fátima Carvalho, uma mulher que teve sua história guardada até então, assim como de muitas outras mulheres que não tiveram a oportunidade de ter sua história contada. Trazemos Lúcia, que foi (e ainda é) uma mulher que representa a luta contra os paradigmas sociais impostos pela sociedade às mulheres do século anterior. Durante sua trajetória, viveu lutas políticas e sociais, rompendo barreiras sociais e lutando pela sua sobrevivência, dos seus filhos e pelo direito dos cidadãos da periferia de Curitiba.

Lúcia é uma mulher que nos preenche de orgulho e gratidão pois, assim como muitas mulheres no Brasil, precisou lutar por moradia digna, criar seus filhos sozinha e, apesar disso, ainda foi capaz de buscar melhores condições de estudo e trabalho, por também acreditar numa educação melhor. Seus feitos colaboraram para trazer direitos, melhora na qualidade de vida e espaço para nós, das gerações que precederam esses anos de luta.

2 Metodologia

A pesquisa iniciou-se a partir da disciplina optativa "História das Mulheres na Educação", realizada no período remoto (2020) do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde tivemos a oportunidade de realizar um trabalho para a disciplina referente a história de mulheres paranaenses, trazendo relatos orais da vida de Lúcia, professora aposentada do município de Curitiba.

Este é um estudo de caráter biográfico, tendo em vista que,

Biografias fascinam. Raros são os que se ficam indiferentes diante das vicissitudes de uma vida. Poucos conseguem manter-se alheios a embates, fracassos e vitórias vividos nas existências alheias. [...] Quanto ao sucesso das narrativas de vida, é inegável, posto que se mantêm em evidência há mais de 2.000 anos. Desde os tempos do neoplatônico Damaskios, no século V a.C., a quem se atribui a cunhagem da palavra biografia (de bios, vida e gráphein, escrever, descrever, desenhar), a narrativa de trajetórias individuais permanece em destaque, suscitando interesse, quaisquer que sejam sua forma ou as intenções que motivam sua elaboração. (CARINO, p. 153 e 154, 1999).

Em nossas vidas, nos deparamos com mulheres incríveis e com histórias inspiradoras, mas praticamente esquecemos de disponibilizar um tempo para ouvi-las. E optamos pela Lúcia por ser uma pessoa em comum em nossas vidas.

Lúcia é ligada a uma de nós por laços sanguíneos e afetivos, participando plenamente da infância de uma das autoras, numa relação tia-sobrinha-inquilina. Coincidentemente, conquistou o carinho da outra autora durante sua adolescência, pois sempre pode contar com Lúcia ou, como era conhecida, “Tia Lúcia”, para ouvir a história da ocupação do bairro onde morava, nas dinâmicas dos grupos de jovens da Igreja. Este laço afetivo foi um grande motivador para que, dentre muitas mulheres incríveis da nossa vida, Lúcia fosse a escolhida para relatar um pouco de sua trajetória.

Para a realização da biografia, realizamos a entrevista durante a pandemia de maneira presencial, tomando todas as medidas sanitárias necessárias. Pedimos para que a entrevistada contasse a história de sua vinda para Curitiba e sua trajetória até o momento, enquanto, com a autorização da mesma, nós gravávamos. Após essa etapa, transcrevemos todo o áudio da entrevista de maneira cronológica e, a partir disso, foi possível realizar recortes do relato relacionando-os com fatos e contextos históricos.

3 Resultados e discussão

No dia 12 de agosto de 1965, na cidade de São José da Boa Vista, uma pequena cidadezinha no interior do Paraná, que fica a cerca de 310 km da cidade de

Curitiba, nasceu Lúcia de Fátima Carvalho, a penúltima filha de 16 filhos. A família de Lúcia tinha uma boa situação financeira, já que o pai, senhor Pedro, tinha um mercado muito bem frequentado na pequena cidade, mas, em 1972, sua mãe, dona Maria, veio a adoecer e, na época, a cidade de Curitiba era a melhor opção para o tratamento do problema de coração, então a família decidiu morar na capital paranaense.

4 Nesta época era muito frequente o êxodo rural, ou seja, a migração do campo para regiões centrais em busca de melhores condições de vida. Segundo Camarano e Abramovay (1998) no Brasil “aproximadamente 40% da população que vivia nas áreas rurais no começo dos anos 70 migraram nessa década”, essa migração acontece por vários fatores, econômicos, climáticos, sociais, entre outros, no caso da família foi por melhor acesso à saúde.

Para isso, a família precisou vender todos seus bens na expectativa de que a mãe melhorasse e então, vieram 6 irmãos para Curitiba, pois os filhos mais velhos já eram casados e uma das irmãs de Lúcia fugiu de casa para não morar na cidade grande. Lúcia tinha 7 anos quando veio para Curitiba e, infelizmente, por conta da falta de tecnologias voltadas à medicina, a mãe de Lúcia faleceu em casa, de um problema no coração que não foi especificado.

Um ano depois, o pai de Lúcia casou-se com outra mulher, também chamada Maria e que, coincidentemente, estava morando em Curitiba mas, ele já a conhecia da cidade de São José da Boa Vista. A mulher cuidou com muito carinho das crianças, tanto que sempre que elas queriam fazer algo que não fosse permitido pelo pai, logo corriam para pedir para a madrastra e, embora ela não tivesse nenhum filho biológico, ela nunca se permitiu tomar o lugar de mãe, pedindo para que as crianças a chamassem de tia.

A família retornou para São José da Boa Vista em 1979 e, aos 14 anos, Lúcia não se via mais como uma habitante de cidade pequena e então acabou por ter muitas desavenças em sua casa com seu pai. Até que, em 1981, aos 16 anos, o pai de Lúcia mandou que ela voltasse para Curitiba já que era a vontade dela e, então, ela retornou para Curitiba, sozinha, sem nenhum bem ou forma de sustento.

Foi nesse período, meados de 1980, que ela deu seu primeiro passo em direção a uma grandiosa carreira na educação. Nesse período, não era exigido Curso de Formação de magistério ou licenciatura para atuar como auxiliar nas escolas de Educação Infantil, portanto, Lúcia conseguiu um emprego de auxiliar de professora na Escola Particular Recanto Infantil 22 e, desde então, precisou dar conta do seu sustento sozinha e, também, precisou parar de estudar para conseguir trabalhar, abandonando seus estudos no 9º ano do Ensino Fundamental (antiga 8ª série).

Lúcia ficou morando no bairro Pinheirinho, na Vila Acordes, na região Sul de Curitiba, onde começou a frequentar as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), a dar catequese, frequentar grupo de jovens, várias formações católicas e a participar do grupo de liturgia. As CEBs são inspiradas por uma visão libertadora bíblica, que coloca o Reino de Deus como um lugar de caridade e humildade.

Assim, as CEBs surgem em um cenário sociopolítico, marcado pelo regime militar autoritário e, conseqüentemente, pelos fechamentos dos canais de participação política, que fizeram com que os Bispos reagissem a favor dos direitos humanos, realizando uma proteção às pastorais que seriam sujeitas às repressões do regime militar. Esta reação fez com que diversos grupos sociais encontrassem nas CEBs um espaço para atuar politicamente, mesmo não sendo de cunho religioso. A Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB) Sul, por exemplo, destaca que um dos seus objetivos é descentralizar e incentivar a criação de CEBs, Grupos de Famílias, Grupos de Fé e vida como redes de comunidades nas dioceses e nas paróquias para que testemunhem a fé, a esperança, a caridade, a fraternidade, a partilha e a solidariedade como novo jeito de ser Igreja.

Esse envolvimento com a igreja foi extremamente crucial para que Lúcia tivesse contato com movimentos sociais, inclusive, foi assim que ela conheceu o rapaz por qual ela se apaixonou e casou-se. O Casamento foi importante para que ambos se emancipassem, pois a família do rapaz iria embora para outra cidade e ele não queria abandonar a vida que tinha em Curitiba e Lúcia, por sua vez, morava com sua irmã recém casada e não se sentia à vontade morando com o casal. Por isso, o casal decidiu alugar uma casa para morar sozinhos.

Na década de 1980, começou a fomentar o assunto sobre moradia nos bairros, pois o aluguel era muito caro e as pessoas praticamente trabalhavam para pagar aluguel - mais do que para comer - então, começaram a se organizar na Paróquia São Pedro Apóstolo, local onde aconteciam assembleias pensando em como fazer para resgatar o povo da questão do aluguel, popularmente conhecido como a “Escravidão do Aluguel”. Depois de dois anos de organização, haviam 500 famílias que estavam morando de aluguel nos bairros Xaxim, Pinheirinho e Alto Boqueirão que fizeram cadastro para participar dos encontros de organização.

Em 1986 iniciava-se um trabalho organizado, foram dois anos de tentativas falhas de negociação com a Companhia de Habitação (COHAB) e com a prefeitura de Curitiba, que na época tinha como prefeito o Roberto Requião de Mello e Silva, e as instituições não fecharam acordo para vender por um preço acessível para a população com baixa renda os terrenos desocupados.

Com isso, o movimento organizou uma votação para saber se queriam fazer uma ocupação, independente do lugar que fosse a área - ficando como responsabilidade do grupo de negociação, composto por padres, seminaristas, vereadores, pastores e etc de selecionar a área - e a votação teve como resultado a favor.

No dia 08 de outubro de 1988, Lúcia e algumas pessoas que participavam da organização estavam em um retiro espiritual na praia e receberam a ligação de que a ocupação aconteceria naquela noite e que deveriam voltar para Curitiba para participarem da ocupação, Lúcia queria voltar também, entretanto, não deixaram alegando que ela deveria cuidar do filho de 4 meses (primeiro filho), então ficou apenas rezando para que nada de ruim acontecesse com seus companheiros. Nesta noite então, os organizadores pediram para que as famílias das comunidades Vila Acordes, Auxiliadora, Vitória, São Lucas e etc, levassem apenas um pedaço de lona e algumas ripas e, exatamente a meia noite, encostou um caminhão e todos entraram no fundo, onde não podiam ver nada e assim ficaram por quase uma hora dando voltas - para despistar caso estivessem sendo seguidos já que tudo acontecia em segredo. Após algum tempo o caminhão parou e cerca de 500 famílias desceram

com suas lanternas, pegaram suas ripas e montaram suas lonas em meio ao frio e garoa.

Ao amanhecer, observaram o local e conseguiram identificar que estavam próximo de casa, em uma região do bairro Sítio Cercado, cerca de 10 minutos de onde Lúcia morava com seu marido “[...] o objetivo principal era interagir com o poder público, isto é, a intenção era pressionar o poder público para que apontasse alguma solução, como a realocação para outra área.” (TONELLA, 2010, p. 245). (Parágrafo muito longo)

No dia seguinte, o acampamento foi manchete nos jornais e, como nenhuma autoridade tentou expulsar essas pessoas, nos dias seguintes apareceram mais pessoas que desejavam ocupar aquele lugar.

O fluxo de famílias para a área atingiu uma dimensão tal que extrapolou em muito as expectativas daqueles que se prepararam longamente para o acontecimento. No total, foram oito levas de ocupação, chegando a ocupar a totalidade da área de 441.000 m². (TONELLA, 2010, p.246).

A equipe de negociação não parou, pediram uma liderança de cada um dos 8 grupos para entrarem na equipe de negociação e iam para os órgãos públicos pedir ajuda para os bispos, padres, representantes da igreja, políticos, COHAB, etc e foi assim durante muito tempo. As decisões mais importantes eram tomadas em Assembleia Geral pela maioria dos acampados. A partir desse momento de luta foi criada a Associação Nossa Senhora da Luta. (TONELLA, 2010, p. 246).

Os homens da ocupação precisavam trabalhar para que eles pudessem sustentar suas famílias, portanto eram as mulheres que ficavam cuidando do acampamento e assim elas começaram a se destacar muito, pois eram elas que mantinham a organização e segurança do local para que não entrassem pessoas de fora e nem infiltradas. As mulheres, muitas vezes, viravam noites fazendo vigias durante a semana, pois os homens tinham que descansar para irem trabalhar no dia seguinte, então elas faziam escalas nas vigias e, apenas aos fins de semana, os homens faziam as vigias. Em entrevista, Lúcia relatou: “As mulheres foram de um papel fundamental nessa questão, e daí foram surgindo as lideranças mulheres, pois

precisavam de pessoas para coordenarem o grupo”. Assim, com o passar do tempo Lúcia desenvolveu um perfil de liderança mas ainda era conhecida como a mulher do Cabelo - pois todos líderes tinham apelidos para não serem identificados - e não pelo seu nome.

No contexto onde Lúcia estava inserida, essa foi a época em que as mulheres do acampamento foram se despertando e, segundo Lúcia: “descobrimo a capacidade de liderar no meio social”. Um dia, chegou ao acampamento um aviso de que a polícia estava a caminho do acampamento, então Lúcia - que na época não estava trabalhando - deixou seu filho com uma vizinha - que permanece sua vizinha até os dias atuais - e correu até um telefone público para ligar para uma das autoridades e relatar o que estava acontecendo e, com isso, o comando foi de que todas as mulheres se unissem para fazer um cordão. A polícia chegou, mas não fizeram nada e, segundo o relato de Lúcia em entrevista: “A gente ficou ali, a gente não tinha medo, ou tinha né, mas pedia proteção divina”. Apesar das ameaças, a polícia nunca chegou a entrar de fato no acampamento ou usar da violência para com os ocupantes.

No início de 1989, Lúcia passou no concurso público e começou a trabalhar fora para ajudar nas despesas da família. Ela conta que as pessoas que estavam ocupando aquele local obtinham muita ajuda da comunidade, pois muitas famílias haviam perdido seus empregos, então havia a padaria e a cozinha comunitária onde todos se reuniam para se alimentar e dividiam os afazeres. Apesar de haver muitas pessoas que ajudavam, havia também muitas pessoas que eram contra a ocupação, principalmente lideranças políticas, pois alegavam que Curitiba estava ficando feia e o local ficou internacionalmente conhecido como “A cidade de Iona”.

Com o passar de algum tempo, ainda na ocupação, já com dois filhos (Cauê e Naele), Lúcia acabou se separando de seu marido e assumiu a “casa” sozinha e, como relatado por ela, “minha vida inteira desde meus 15, 16 anos ou era eu ou era eu, e durante o tempo que fui casada né, pouco tempo, 4 anos e meio, quase 5 anos”. Nesse meio tempo, a ocupação “começou tomar um rumo”, conseguiram que as pessoas não fossem despejadas, a COHAB organizou o local e demarcou um

espaço pequeno para cada família, assim ficariam organizados e não precisavam ficar embaixo das lonas, Lúcia relata:

Era bonito a organização, mas era triste ver a situação que o povo vivia né? Sem água, sem luz, sem rede de esgoto, era muito sofrimento né? Você trabalha o dia inteiro, chega em casa e não tem água. Tinha a torneira comunitária, você tinha que pegar água e puxar para dentro da tua casa pra poder fazer comida, lavar roupa, tomar banho.

9

Foi um período muito difícil para Lúcia, pois sozinha precisava dar conta de seus dois filhos e o sustento do lar. Após algum tempo separada Lúcia e o então ex-marido tentaram ficar juntos novamente, mas não deu certo, entretanto nesse curto período em que ficaram juntos Lúcia acabou engravidando de seu terceiro filho (Uierê). Quando ele nasceu, Lúcia conta que a irmã dizia: “você não vai conseguir criar três filhos, com dois é difícil imagine três” e ela respondia: “não criei filho para dar aos outros, pode deixar”.

Com o passar dos anos os filhos foram crescendo e até que em 2003 conseguiram regularizar as moradias e, após o pagamento do terreno, Lúcia tornou-se oficialmente dona de sua residência.

Lúcia havia completado apenas o Ensino Fundamental quando teve que deixar de estudar para trabalhar. Após alguns anos concursada, a prefeitura de Curitiba lançou um projeto para melhorar o salário intitulado “crescimento vertical”, como relatado por Lúcia, ela se sentiu insegura em relação a isso por já ter seus filhos grandes e que não fazia sentido voltar a estudar por conta disso.

Com muita insistência de suas colegas de trabalho, ela acabou se matriculando para acompanhá-las e, em 1998, Lúcia fez a Educação de Jovens e Adultos (EJA) na modalidade semipresencial e se formou em dois anos, completando assim sua Educação Básica.

O salário aumentou um pouquinho, mas na época as dificuldades estavam superando, então ao surgir a oportunidade de fazer o magistério, Lúcia não pensou duas vezes, já que assim poderia aumentar um pouquinho mais seu salário, ela relata “já estava empolgada, já estava terminando, falei vamos agora eu vou, agora

não quero parar”, sendo assim em 2006 concluiu seu magistério. (parágrafo longo em relação aos demais)

Após alguns anos, um projeto da prefeitura ofereceu para as professoras a oportunidade de fazer o vestibular para Pedagogia, Lúcia não ficou muito animada com a ideia mas acabou se inscrevendo por influência de suas colegas, mas ela deixou claro que não iria estudar para o vestibular e que se caso ela passasse iria cursar Pedagogia, mas se não passasse, estava tudo bem. Por fim, Lúcia acabou sendo aprovada no vestibular e, em 2015, já com 50 anos de idade, Lúcia se formou em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (Uninter).

4. Considerações finais

Na nossa sociedade existem muitas mulheres que como Lúcia bateram de frente com as questões de machismo e desigualdade, fugindo dos padrões impostos à elas, mas que não tiveram a oportunidade de contar sua história de luta. Como destacado por Priore (2013) nos anos de 1980 ainda encontrava-se as disparidades de gênero, bem como a segregação, mas isso não impediu que as mulheres da geração de Lúcia obtivessem seus espaços no mercado de trabalho e sua visibilidade garantida.

Lúcia ultrapassou muitas barreiras, além de ter se tornado uma liderança na ocupação, também acabou tornando-se uma liderança dentro da comunidade católica em que ela faz parte. Segundo Tonella (2010, p. 247) “as ocupações provocaram impacto no traçado urbano curitibano e forçaram mudanças de atitudes por parte das autoridades no trato com a população organizada.” E Lúcia assim como outras mulheres que estiveram ali presentes foram essenciais para que essa mudança acontecesse.

Lúcia orgulha-se de sua trajetória e do caminho em que seus filhos seguiram e, hoje em dia aposentada, além de se dedicar a família e a igreja, também viaja muito e já conheceu Roma, Foz do Iguaçu, Jericoacoara e entre outros. *“Essa minha determinação, ter descoberto essa minha importância na sociedade e eu como mulher me valorizei eu acho que eu não tinha chegado tão longe igual eu to hoje*

né?”. Conhecer as histórias de mulheres como Lúcia nos faz aproximar de tudo que ocorreu no passado e nos ajuda a contextualizar e compreender como se deram as estruturas e o modelo de vida que seguimos até hoje e reconhecer os nossos direitos e aquelas que lutaram por eles. Portanto, Lúcia, à você dedicamos o nosso muito obrigada por lutar bravamente para que mulheres como nós pudéssemos ter tantas oportunidades, orgulho, aprendizado, independência e forças para continuar lutando por nossa emancipação.

Referências

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil**: panorama dos últimos 50 anos. IPEA, 1998. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/2651>. Acesso em: 02 mai. 2021.

CARVALHO, Lúcia de Fátima. Entrevista. [ago. 2020]. Entrevistadoras: C. Santos e M. Vieira. **Curitiba**, 2020. Entrevista concedida à disciplina optativa História das Mulheres na Educação do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

CARINO, Jonaedson. A biografia e sua instrumentalidade educativa. IN: **Educação & Sociedade**, ano XX, nº 67, Agosto/99. p. 153 – 181. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v20n67/v20n67a05.pdf>. Acesso em: 02 out. 2022

COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE (CEBS). Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/comunidades-ecliais-de-base-cebs>. Acesso em: 21 abr. 2021.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. Revista **Sociologia Política**, v.18 n. 36, 2010.

PRIORE, Mary Del. História das mulheres no Brasil, 2013.

SCHWARCZ, Lília Moritz. Biografia como gênero e problema. **História Social**, n. 24, 2013.

SILVINO, Dariana Maria; HENRIQUE, Tázia Renata Peixoto Godim. A importância da discussão de gênero da escola: uma abordagem necessária. **VIII Jornada Nacional de Políticas Públicas**. Maranhão, 2017.

TONELLA, Celene. Duas décadas de ocupações urbanas em Curitiba: Quais são as opções de moradia para os trabalhadores pobres, afinal? **Cad. Metrop.** São Paulo,

v. 12, n. 23, pp. 239-262, jan/jun 2010. Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/metropole/article/view/5932> Acesso em: 22 de abril de 2021.

ⁱ **Caroline Valentin dos Santos**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9589-0859>

Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Pedagogia.
Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná (2021).
Contribuição de autoria: Entrevistadora, escritora e edição de texto.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1676762786716585>
E-mail: carolinevdossantos@hotmail.com

ⁱⁱ **Mariane Conceição Vieira**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5011-2583>

Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Pedagogia.
Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná (2021) e Psicopedagogia no Centro Universitário UniBagozzi. Atua como voluntária na área de Psicologia da Educação, do Observatório do Clima Institucional e Prevenção da Violência em Contextos Educacionais.
Contribuição de autoria: Entrevistadora, escritora e edição de texto.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/731854098088964>
E-mail: marianecvieira0@gmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

SANTOS, Caroline Valentin dos; VIEIRA, Mariane Conceição. A luta pela moradia de uma mulher na década de 1960. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2022.